

No primeiro plano desta imagem, o tronco escuro de uma árvore está a arder.

Isoladas sobre a relva queimada, as chamas sobem desde a base.

O fogo parece parar a meio da árvore, dando lugar à casca escurecida antes de outro fogo pequeno de forma oval, que arde no centro do tronco. As únicas chamas nesta imagem estão na árvore.

Em plano de fundo há grupos de árvores verdejantes, intocadas pelo fogo, com nuvens de fumo a subir desde o solo.

A imagem tem uns tons azulados frios, pelo que as chamas parecem não pertencer ali.

Tirei esta fotografia após o pôr do sol e a principal fonte de luz provém dos dois pequenos fogos a dançar na árvore.

A essência do fogo torna-se clara ao anoitecer: uma força implacável que força o seu caminho pelas árvores e as come desde o interior.

Uma linha diagonal de relva atravessa da esquerda para a direita em segundo plano.

É uma trincheira, destinada a isolar e a conter o fogo.

A imagem pertence à minha série "Enquanto arde a terra congelada".

Em 2021, passei várias semanas num projeto abrangente de incêndio florestal e descongelamento de permafrost em Sakha (também conhecida como Yakutia), no Extremo Oriente Russo.

Nesse ano, a região enfrentou incêndios devastadores, poluição de fumo grave e derretimento do permafrost essencial.

Sakha estende-se por mais de três milhões de quilómetros quadrados no extremo nordeste do país, e 40% da região enquadra-se no Círculo Ártico.

É um dos locais habitados mais frios do planeta.

As temperaturas caem até $-60\text{ }^{\circ}\text{C}$ no inverno e sobem a $40\text{ }^{\circ}\text{C}$ no verão.

Os residentes suportam os invernos mais frios fora da Antártica sem grandes queixas.

No entanto, em anos recentes, as temperaturas no verão no Ártico Russo têm alcançado os $37,7\text{ }^{\circ}\text{C}$, causando incêndios enormes que estão a descongelar o solo outrora permanentemente congelado.

O Programa de Monitorização e Avaliação do Ártico relata que o Ártico está a aquecer três vezes mais rápido do que a média global.

Em Sakha, embora os incêndios façam parte do ecossistema natural, uma primavera suave seguida de um tempo extremamente quente e seco originou uma época de incêndios que quebrou recordes.

Nesse ano, mais de 18.

Os incêndios consumiram mais de 16 milhões de hectares, de acordo com a Greenpeace, um recorde desde o início da monitorização por satélite.

Os fogos eram maiores do que os que assolaram a Grécia, Turquia, Itália, Estados Unidos e Canadá combinados.

As imagens de satélite da NASA mostravam fumo dos incêndios que havia percorrido mais de 3000 quilómetros para o Polo Norte.

Os bombeiros contaram-me de que havia falta de pessoal e equipamento para lidar com os incêndios.

Muitos alegam uma lei de 2015 que permite às autoridades deixar arder os incêndios em zonas selvagens se se considerar que o potencial de danos não compensa os custos de os conter.

Além dos incêndios, há indícios de que as temperaturas médias mais elevadas estão a causar a degradação do permafrost, que contém solo e rochas presas em gelo com grandes quantidades de carbono orgânico de material vegetal congelado.

À medida que o permafrost derrete, este material apodrece, libertando dióxido de carbono e metano, que podem tornar-se gases de efeito de estufa ainda mais potentes.

Os ambientalistas temem que os incêndios venham a derreter mais permafrost e turfeiras siberianas, libertando mais carbono da tundra congelada.

A 5 de julho, chegamos perto de Kürelyakh, onde recebemos relatórios de vários incêndios que ameaçavam a aldeia.

É um local remoto, construído sobre o permafrost no meio de uma taiga densa.

Observamos as nuvens de fumo espesso que subiam da floresta e seguimos um grupo de voluntários locais que se aproximavam das chamas em motas e veículos todo o terreno antigos.

São principalmente os residentes de Kürelyakh quem combate estes incêndios, com as mãos vazias, pás e pequenos sacos de água.

Dado que esta taiga é a sua força vital, a única solução é protegê-la.

Usam a floresta pela madeira, para caçar e para apanhar bagas e cogumelos.

Passam o verão na taiga, a combater os incêndios que derretem a sua terra congelada.

Este projeto contradisse a minha ideia de o que seria combater incêndios em zonas selvagens.

Em Sakha, não são cenas dramáticas de torres de chamas a serem extinguidas pela água.

Em vez disso, acontece primariamente à noite, quando "o fogo dorme", como dizem os locais.

Na escuridão, o calor intenso do sol desapareceu, a humidade aumentou e os bombeiros têm a melhor oportunidade de afastar o fumo para obter visibilidade suficiente para localizar e controlar o fogo.

A partir daí, os locais cavam trincheiras em redor dos incêndios para os impedir de espalhar.

Mas a região fica tão a norte que os dias são compridos e o sol quase nunca se põe nas noites de verão.

O ano de 2021 foi o terceiro ano consecutivo que os residentes do nordeste da Sibéria ficaram debilitados pelos piores incêndios de que há memória, e muitos sentiram-se desesperados, zangados e abandonados.

Quando pensamos em incêndios florestais, pensamos em países mediterrânicos, os Estados Unidos ou a Austrália, mas muitas pessoas nem sabem que o local mais frio do mundo também arde, e está a aquecer a um ritmo alarmante.

Espero que esta fotografia, tirada com a minha Canon EOS R, 35 mm, nos ajude a confrontar o que está a acontecer aqui.

Às pessoas e ao permafrost.

O solo congelado preservou gases de efeito de estufa e até doenças durante milhões de anos.

Quando o permafrost derrete, tudo isso é libertado para a atmosfera.

Temos de fazer tudo o que está ao nosso alcance para o evitar.

Pessoalmente, esta imagem personaliza a fragilidade da natureza, pois à medida que as chamas discretas destroem as árvores por dentro, as alterações climáticas continuam a desenvolver-se.

Por outro lado, a imagem também reflete a beleza do mundo natural e o fogo como um elemento natural, ambos fascinantes e destrutivos.

Estive em Sakha com o jornalista Anton Troianovski, que escreveu a história associada para o New York Times.

Um homem que se voluntariou para combater os incêndios contou-nos:
Qualquer vitória contra a devastação das alterações climáticas seria temporária.

"Isto não é um ciclo", afirmou.

"É a chegada do fim do mundo.

A humanidade vai morrer e a era dos dinossauros vai chegar."

Cabe-nos a todos provar que está errado.